



HISTÓRIAS DE LEITURA NA ESCOLA SOCIOEDUCATIVA DO LINDEIA/BH

Mariotides Gomes Bezerra

UFMG/LETRAS/ tidefage@yahoo.com.br

Resumo: Este artigo trata das histórias de leitura dos alunos da escola socioeducativa. Analisa a influência dessas histórias nos processos de apropriação da leitura e seu conseqüente letramento. As respostas dos alunos envolvidos às questões propostas na geração de dados nos levam a concluir a necessidade de repensar as práticas de leitura na escola e apontam caminhos reflexivos para as mudanças necessárias.

Palavras-chave: história de leitura, escola socioeducativa, privação de liberdade.

1. Leitura e Escolas Socioeducativas

A Escola Socioeducativa do Centro de Internação Masculino do Lindeia/BH (CSL) existe desde o ano de 1998. Inicialmente constituiu-se como anexo da Escola Municipal Antonio Salles Barbosa/BH e a partir do ano 2017 como anexo da Escola Estadual Divina Providência/BH. Oferta as modalidades de ensino da Educação Básica a adolescentes e jovens em conflito com a lei e em cumprimento de medida socioeducativa de internação, com privação de liberdade, por atos infracionais graves. A escola socioeducativa do CSL, assim como as demais escolas socioeducativas do Brasil, significa uma conquista na proposta educativa de amparo aos jovens em questão. Essas escolas surgem no final do século XX, com a aprovação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), (BRASIL, 2002) garantindo, ao alunado acautelado institucionalmente, o direito à educação escolar. Assim, modalidade de ensino recente, ainda em busca do seu lugar, considerando as características próprias de sua realidade, as quais não podem ser ignoradas no projeto de reeducar, ressocializar, investir na recuperação social e na inserção dos



estudantes num caminho alternativo ao até então lhes apresentado socialmente, o da criminalidade. Esta escola, embora entre grades, precisa educar para a liberdade, com propostas de ensino capazes de reestruturar projetos de vida. Ela nasce para garantia de direitos e para tal deve alicerçar-se no protagonismo juvenil, no direito à leitura e no compromisso de seus educadores.

Nesta perspectiva, a principal preocupação da Escola Socioeducativa do Lindeia, na área de Língua Portuguesa atualmente é que seus alunos leiam, aprendendo a ler e lendo, juntamente com a literatura, suas próprias vidas. Esta preocupação é compartilhada da parte dos estudantes os quais relatam em seus objetivos de aprendizagem a aquisição da leitura, reconhecendo-a como mais um direito negado dentre tantos outros direitos igualmente negados em suas vidas ainda adolescentes. Nesse sentido, o grupo do nono ano – fim de medida - aderiu à participação e cooperação para o desenvolvimento das aulas de leitura na pesquisa “Leitura, saúde e liberdade – o texto literário em classes hospitalares/atendimentos domiciliares e escolas socioeducativas.”

Neste artigo apresento reflexões a partir das respostas a duas perguntas inseridas num questionário integrante de um dos testes aplicados, captando a “leitura do mundo” que cada sujeito já apresenta em relação à “leitura da palavra” que se segue.

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. (FREIRE, 1989, p. 9)

Em consonância com Freire, acredito que é a partir da realidade/vivência dos adolescentes e suas histórias de leitura que acontece esta aprendizagem e todo o conseqüente desenvolvimento do trabalho pedagógico.

2. Compreendendo o ato de ler

A leitura dos estudantes da Escola Socioeducativa do Lindeia é muito desejada, mas precária do ponto de vista da leitura escolar. Leitura adquirida clandestinamente em meio aos descasos enfrentados pela escola pública, no abandono das ruas e na



marginalidade dos atos infracionais. Leitura marcada pela violência e pela desigualdade social, cheia de pausas, de “erros”... Pouca leitura e muita compreensão, esta última que precisa ser rápida, “ligeira” para fugir dos perigos, enganar os enganos da vida! Leitura apressada e breve, como suas vidas. Leitura aprendida em meio a tantas adversidades e que apresenta suas marcas principalmente na negação da leitura, negação como um ato de resposta cultural e social – gente excluída da leitura não lê. Ou lê de um jeito diferente!

Entretanto, a sedução da prática libertadora de leitura envolve os alunos (e mesmo nas leituras com preferência pela violência, no afastamento da poesia e na criação de leituras que espelham em sua maioria histórias tristes as quais muitas são poesias marginalizadas) e estes se rendem ao objetivo de aprender a ler e escrever melhor! Ler e escrever bem! Ler e escrever a fim de que outros possam compreender!

Para uma leitura que considere essas particularidades é necessário compreender como base teórica a sensibilidade de Paulo Freire, numa concepção de educação livre, transformadora:

É o saber da História como possibilidade e não como determinação. O mundo não é. O mundo está sendo. Como subjetividade curiosa, inteligente, interferidora na objetividade com que dialeticamente me relaciono, meu papel no mundo não é só de quem constata o que ocorre mas também o de quem intervém como sujeito de ocorrências. Não sou apenas objeto da História mas seu sujeito igualmente. (FREIRE, 1996, p. 76 - 77)

Essa concepção de educação tem resposta em concordância com a concepção de leitura de Bakhtin, especialmente considerando o contexto aqui abordado e suas repercussões ideológicas.

Na realidade, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1999, p. 95).

Na condução das leituras realizadas na escola socioeducativa, no viés formativo partidário à liberdade, libertação e participação dos sujeitos, segue-se a reflexão de Antônio Cândido, como concepção de leitura literária:



[...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos à natureza, à sociedade e ao semelhante. (CANDIDO, 2004, p. 117).

Esse movimento leitor obtém respostas plenas de significado para uma prática de leitura consistente aos objetivos de seus praticantes.

3. Lendo na Escola Socioeducativa

A base teórica encontra uma resposta na prática de leitura exigente que considera os conhecimentos de seus leitores. Explico agora sobre a aplicação do questionário parte do Teste 1 da pesquisa.

Com a metodologia da pesquisa de abordagem qualitativa, considerando as especificidades de seus 7 participantes. O questionário parte do Teste 1 cumpre o importante papel de recolher, por escrito, um pouco das histórias de leitura/literatura escolares ou não, dos participantes, com atenção aos processos individuais e coletivos de aquisição e apropriação da leitura/letramento literário para o diagnóstico de sua situação de leitura. É composto por 10 questões. Destas, duas terão suas respostas analisadas neste artigo: “Gosta de ler? Por quê?”. Os dados gerados na pesquisa datam do mês de janeiro do ano 2018, sendo seus sujeitos sete adolescentes, estudantes do nono ano, na escola anexa do Centro Socioeducativo do Lindeia/BH.

4. Refletindo sobre as histórias de leitura

Os sete participantes responderam as questões: “Gosta de ler? Por quê?” Os leitores participantes da pesquisa apresentaram 8 pontos que seguem em análise. Esses pontos revelam muito sobre a tensão entre o que se propõe de leitura na escola habitualmente, o processo de ensino da leitura e os desejos de leitura de alunos em situação de privação de liberdade.



Quadro 1 – Respostas dos alunos quanto a gostar ou não de ler

Sim	Não	Detesto
1	4	2

Fonte: elaboração da pesquisadora

Quadro 2 – Motivos do gostar ou não de ler

Motivos	Número de alunos
Não gosto de ler porque fui expulso da escola.	7 alunos
Não gosto de ler porque não entendo o que leio.	7 alunos
Não gosto de ler porque é demorado demais.	6 alunos
Não gosto de ler porque não sei direito.	3 alunos
Odeio ler – porque eu fui oprimido porque não sei ler aí desisti e fui expulso.	2 alunos
Gosto de ler para não ser enganado na vida.	1 aluno
Odeio ler porque eu não consigo aprender a ler.	1 aluno

Fonte: elaboração da pesquisadora

Nota-se a importância da escola na determinação da formação desses leitores. Apenas um aluno assume gostar de ler e este o faz sob motivação presente: “não ser enganado”. Essa afirmação representa dizer que a leitura é instrumento de libertação, ela livra do engano quem tão cedo foi enganado nos caminhos da vida. Quatro alunos responderam que não gostam de ler e suas motivações para tal situam-se no campo do período de formação leitora. Achar a leitura “demorada demais” é dizer da espera. Ora, esses alunos completam um ciclo de no mínimo 10 anos de escolaridade, não se consideram analfabetos, mas se sentem incompetentes na habilidade da leitura, que é a atribuição por excelência da escola. Dizer que a “leitura é demorada” é denunciar a falta de estímulos que concorrem com “não saber ler direito”, “não conseguir aprender”, “ser oprimido” e finalmente “ser expulso”.

Este saber, o da importância desses gestos que se multiplicam diariamente nas tramas do espaço escolar, é algo sobre que teríamos de refletir seriamente. É uma pena que o caráter



socializante da escola, o que há de informal na experiência que se vive nela, de formação ou deformação, seja negligenciado. Fala-se quase exclusivamente do ensino dos conteúdos, ensino lamentavelmente quase sempre entendido como transferência do saber. Creio que uma das razões que explicam este descaso em torno do que ocorre no espaço-tempo da escola, que não seja a atividade ensinante, vem sendo uma compreensão estreita do que é educação e do que é aprender. No fundo, passa despercebido a nós que foi aprendendo socialmente que mulheres e homens, historicamente, descobriram que é possível ensinar [...] Há uma natureza testemunhal nos espaços tão lamentavelmente relegados das escolas. (FREIRE, 1996, p.19)

A instituição escolar não fala a mesma língua deste alunado. Falhou com esses estudantes num direito que poderia ter ajudado na direção de suas vidas, advindas já de adversidades de todas as ordens. A escola os expulsou e hoje ao tentar reparar essa perda precisa ler um mundo pleno de experiências que estão além dos muros e moram nas leituras “de vida e palavra” de todos os alunos!

5. Considerações finais

As respostas dos 7 alunos da Escola Socioeducativa nos levam a concluir a necessidade de repensar as práticas de leitura tanto na escola socioeducativa, quanto na escola regular e as possibilidades de redimensionamento do trabalho com a leitura e a escrita. Assumir essas habilidades como instrumentos de ensino, aprendizagens, pontos de partidas e pontos de chegadas aos que estão e aos que virão por uma escola realmente livre, democrática, restaurativa, reparadora e inclusiva.

Referências

BAKHTIN, M. M. *Estética da criação verbal*. Tradução do russo por Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 1990. *Estatuto da Criança e do Adolescente*. 2 ed. Brasília: Conanda, 2002.

CÂNDIDO, Antônio. *O discurso e a cidade*. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2004.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, Coleção Leitura, 1996.